

O Kremlin, às margens do Rio Moskva, é um complexo fortificado com cinco palácios, quatro catedrais e uma muralha fortificados com torres. É a sede do governo russo

Moscou em 25 de maio. O voo de quase quatro horas contornou o espaço aéreo da Ucrânia. A guerra parecia realmente distante da rotina da capital russa, talvez porque os ataques ucranianos visam principalmente a infraestrutura, talvez devido à censura oficial.

Iniciamos, então, uma intensa maratona turística, cultural, histórica e gastronômica. A transformação da cidade impressiona. Modernos arranha-céus contrastam, sem agredir nem substituir, a arquitetura medieval, imperial e stalinista. Moscou está limpa, organizada, arborizada e muito segura. O metrô continua sendo uma das maravilhas urbanísticas do mundo, com verdadeiro palácio subterrâneos, como as estações Mayakovskaya, Kievskaya e Konsomolskaya, com seus lustres de cristal, dourados, mosaicos e estátuas do chamado “realismo socialista”. Algumas estações são tão profundas que as escadas rolantes parecem uma viagem ao centro da Terra. O centro histórico foi restaurado com cuidado e os parques são amplos e bem conservados.

Mas a grande atração continua sendo o conjunto arquitetônico da Praça Vermelha. Percorremos o coração simbólico da Rússia. Ali estão o Kremlin, a Catedral de São Basílio, o Mausoléu de Lenin e o GUM, transformado em sofisticado centro comercial. Visitamos a Galeria Tretyakov, que reúne a maior coleção de arte russa, incluindo obras de Kandinsky, Chagall e Malevich.

Além de flunar pela famosa Rua Arbat, que nessa época do ano ostenta floridos jardins no seu calçadão, fomos ao Museu da Grande Guerra Patriótica, ao espetacular Museu Memorial da Astronáutica e assistimos ao balé *Cinderela* no icônico Teatro Bolshoi, um templo do balé clássico. Coreografado originalmente por Rostislav Zakharov com a magnífica trilha sonora de Sergei Prokofiev, a obra estreou em 1945 no Teatro Bolshoi, porém, a polêmica versão moderna que presenciamos, longe da tradição de seu balé clássico, foi frustrante. O espetacular Balé Folclórico Igor Moiseyev, que assistimos antes, para a maioria de nós, foi mais interessante.

A gastronomia foi uma agradável surpresa. Os restaurantes combinam tradição russa, gastronomia das antigas repúblicas soviéticas e o refinamento contemporâneo. O ponto alto foi o jantar no restaurante Sakharin, com cardápio inspirado no Extremo Oriente. Rodrigo cuidou dos ingressos, transportes e reservas. Mais do que guia, foi um professor de história em tempo integral. Todo ano organiza excursões para as antigas repúblicas soviéticas da Ásia Central, como Cazaquistão, Quirguistão e Uzbequistão, por ocasião dos jogos nômades, e para outro destino exótico: uma viagem pela Transiberiana, a maior ferrovia do mundo, com visita a oito cidades, de Moscou a Vladivostok, no Mar do Japão.

Flavio Fraislebem



Estação Kievskaya do Metrô de Moscou. Inaugurado em 1935, foi construído para ser o “palácio do povo”. Hoje tem 466,6Km e 271 estações, com trens a cada dois minutos

Luiz Carlos Azedo



Criado em 1776, por ordem de Catarina, a Grande, o Teatro Bolshoi abriga a maior companhia de dança clássica do mundo

Elia Fachi



Com 85 mil itens históricos, o Memorial da Cosmonáutica fica na base desse espetacular monumento de titânio, com 107 metros, em homenagem aos astronautas

Rodrigo Ianhez



O Museu da II Guerra Mundial reproduz cenas dramáticas da defesa de Moscou, entre outubro de 1941 e janeiro de 1942

O Kremlin e a Praça Vermelha

Engana-se quem pensa que o gabinete do presidente russo Vladimir Putin é o mais imponente do Kremlin. Não chega nem perto dos salões do Museu das Armas. O acervo reúne 4 mil objetos que datam do século 12 até 1917. Os mais interessantes estão no Salão II, onde se destaca a coleção de 10 ovos de Páscoa de Fabergé, criados para os czares pelo fabuloso joalheiro Peter Carl Fabergé, que se tornou o ourives da corte em 1885. O mais impressionante é o ovo de prata no qual foi gravado um mapa com o trajeto da Ferrovia Transiberiana. A “surpresa” no interior dessa peça é uma miniatura dourada de uma locomotiva, com janelas de cristal e um pequenino rubi figurando como farol.

É preciso comprar um ingresso à parte para ver as impressionantes joias da coroa dos Romanov na Almazny Fond (Câmara dos Diamantes), entre as quais o cetro de Catarina, a Grande, encimado pelo diamante Orloff, um presente do conde Orloff, seu amante, e sua coroa, incrustada de diamantes. Lá também está o diamante Xá, que o czar Nicolau I recebeu de presente do xá do Irã.

Mas nada se compara à sensação de parar no cen-

tro da Praça Vermelha. O conjunto arquitetônico antecede à Revolução de 1917, mas a praça acabou associada ao comunismo e aos desfiles militares do Exército soviético. A oeste se avista o Kremlin e o Mausoléu de Lenin, onde o corpo embalsamado do líder comunista russo permanece exposto à visitação pública.

Na extremidade mais distante da praça situam-se os pináculos e as cúpulas em forma de cebola da Catedral de São Basílio, uma das construções mais conhecidas de Moscou, erguida por ordem de Ivan, o Terrível em meados do século 16. Do lado oposto ao Kremlin, avista-se o GUM (iniciais em russo de “Loja de Departamentos do Estado”), que lembra as grandes estações ferroviárias europeias, com suas estruturas de aço e vidro, herança também do czarismo. Com o capitalismo, as antigas e mal abastecidas lojas estatais soviéticas foram substituídas por franquias de grandes marcas do Ocidente; depois da guerra da Ucrânia, com o bloqueio econômico, as lojas mudaram de nome, mas mantiveram o luxo e, em alguns casos, os mesmos produtos importados.